

OUVINDO AS VOZES DA ESCOLA: uma experiência de legitimação do currículo multicultural em Educação Física

LINS RODRIGUES, A. Cesar. Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP/CNPq. Secretaria de Educação do Município de Cubatão.

Resumo

Essa experiência teve como objetivo a implantação de um currículo multicultural¹ na disciplina de Educação Física de uma escola municipal de Cubatão. Inicialmente os elementos da cultura popular infantil foram reconhecidos como objeto de estudo da Educação Física Escolar, tendo sua identificação registrada por meio de um mapeamento onde os alunos puderam trazer suas vivências lúdicas cotidianas para a escola, praticando, aprofundando e ampliando o seu repertório. Implantou-se uma nova dinâmica de ação nas aulas de Educação Física, obtendo como resultados a realização de práticas corporais², onde o reconhecimento da diversidade dos atores garantiu um espaço de debate validador de suas identidades. Em vistas do presente exame transitar pelos caminhos tanto da etnografia quanto da pesquisa-ação crítica, acatou-se a Bricolagem (KINCHELOE, 2007) como metodologia.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Currículo Multicultural e Práticas Corporais.

Objetivos

O quadro da Educação Física Escolar do município de Cubatão – conferido *in loco* ao longo de três anos de atuação docente –, como o da maior parte dos municípios da Baixada Santista³, não fugia à lógica da abordagem tecnicista, onde o serviço ao currículo esportivizante, reescrevia os velhos mecanismos de exclusão em boa parte das aulas ministradas por uma considerável fatia do seu corpo docente. Por assistir a tal fato com um grande desconforto, resolveu-se buscar instrumentos que pudessem contemplar o que se tinha de mais rico nas escolas do referido município, ou seja, a diversidade humana inscrita em cada aluno. Ao se tomar contato com os estudos culturais (HALL, 2006) e mediante as

¹ Pensa-se um currículo multicultural a partir da premissa de que “quando se enfatiza a criação de currículos multiculturais, afirma-se que todos os alunos possuem conhecimentos construídos socialmente que precisam ser reconhecidos e ampliados pela escola, o que, na prática significa trabalhar com a cultura dos alunos num entrecruzamento com a cultura escolar” (NEIRA, 2007, p. 175).

² Entendem-se como tais todas as experiências vividas pelos alunos onde jogos, brincadeiras, danças, lengalengas, rodas cantadas, esportes e lutas compõem o seu cotidiano lúdico.

³ Compreendem-se as cidades de Guarujá, Santos, São Vicente, Cubatão e Praia Grande.

investigações realizadas no Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar – FEUSP/CNPq, fundadas, além do autor citado, em Silva (2000); McLaren (1997); Apple (2002) e Giroux (1988), percebeu-se que talvez nessa perspectiva se pudesse atuar de uma maneira mais abrangente, contemplando talvez, de um modo menos excludente, as necessidades demandadas pelo material humano que compunha o corpo discente das escolas. À medida que o citado referencial teórico era aprofundado, tornava-se mais claro que o papel do professor dentro desse contexto seria de essencial importância no sentido político-promotor de uma possível mudança. Resolveu-se pesquisar de um modo mais arguto as características culturais da população escolar de uma das unidades onde se atuava em classes das séries iniciais do ensino fundamental (mais especificamente nas segundas e terceiras séries do Ciclo I). Nesse levantamento etnográfico encontrou-se uma população composta em sua grande maioria de migrantes nordestinos. Contudo, ao consultar o projeto político pedagógico da escola pesquisada observou-se que não havia nenhuma previsão de ação pedagógica que contemplasse esse importante aspecto da população. Em consonância com a citada proposta, o currículo escolar estava distante de dar a devida importância para esse fato, prescindindo dos elementos essenciais que compunham a identidade da população atendida pela escola.

Buscando um caminho para a implantação da desconstrução do processo de formatação de subjetividades, reforçado na práxis pedagógica da referida escola, iniciou-se uma dinâmica de transformação nas aulas de Educação Física, onde os elementos culturais familiares e locais ganharam um espaço para a apresentação e conseqüente discussão. Esse percurso foi traçado por conversas com os alunos que levaram a um mapeamento dos elementos da cultura popular infantil, em seguida houve uma ressignificação de alguns componentes, aprofundamento nas discussões sobre os porquês dos mesmos serem ou não serem o que são, finalizando com uma expansão do conhecimento para outras instâncias que ultrapassavam o repertório dos alunos caracterizando uma ampliação.

Fóruns de discussão eram abertos ao fim de cada atividade e, a partir desses, analisava-se e reforçava-se o importante aspecto dos alunos terem suas marcas identitárias legitimadas nas experiências corporais vivenciadas em seu cotidiano. Ou seja, estavam diante da construção de um espaço real onde pudessem dar sonoridade às suas vozes, valorando os seus gestos e ritos dentro de uma escola até então hermética em suas relações hierarquizadas de poder.

Tal dinâmica fundou aos poucos o objetivo da presente experiência que foi a construção de um currículo multicultural na disciplina de Educação Física Escolar, onde se pudesse contemplar toda diversidade inscrita nas identidades dos alunos da escola e, ao mesmo tempo, engendrar mecanismos de esclarecimento capazes de fomentar sua leitura crítica de mundo.

Metodologia

Conforme foi dito anteriormente, as demandas contemporâneas criadas pela complexidade do componente humano de nossas escolas nos tem sido muito caras. Não só os problemas de indisciplina e/ou de uma suposta falta de interesse podem ser apontados como o fulcro do fracasso escolar eminente do qual a instituição escola tanto se queixa. Salas com excesso de lotação e com uma infra-estrutura material deficitária, além de outros tantos fatores, corroboram para um enfraquecimento cada vez maior do tênue elo que ainda mantém o aluno vinculado à escola. Mesmo que essa observação traga em seu bojo uma essência paradoxal, percebe-se metaforicamente a escola como uma máquina um tanto desregulada em relação ao aluno que figura, segundo que se entende sobre tema, como principal peça da engrenagem que compõe o ambiente de escolarização. Tal desajustamento parece avolumar-se quando se faz uma averiguação mais arguta do que está inscrito no currículo escolar, explicitamente ou não, em nível de conhecimento a ser transmitido com a anuência da oficialidade.

Ao dirigir-se especificamente para o ambiente onde se deu a presente experiência, após alguns anos de exercício docente na instituição de ensino, chegou-se a conclusão de que a situação ali vivida não era muito distante da supracitada. Contudo, julgou-se uma questão como sendo de grande relevância dentro desse contexto, interessando de maneira particular ao que se buscava com essa investigação. Tal problema orbitava em torno da falta de elementos multiculturais no currículo escolar vigente na instituição de ensino, ratificada por uma proposta pedagógica totalmente atrelada a representações monoculturais alicerçadas por um modelo eurocêntrico. Dentro desse contexto, as aulas de Educação Física corroboravam para a manutenção do *status quo*, posto que, em ações isoladas da atuação docente específica atrelada a presente experiência, se viesse tentando implantar algumas práticas diferenciadas para fugir do modelo curricular esportivizante, tradicionalmente utilizado pelos demais docentes da área que atuaram na referida instituição de ensino durante longos anos.

Esse ambiente foi gerando uma grande inconformidade que mais tarde impulsionou a busca por um currículo que contemplasse de maneira mais justa, todo perfil traçado pela diversidade encontrada em cada aluno. Essa situação, no mínimo desconfortável para uma atuação profissional comprometida com a afirmação dos pontos de vistas e das identidades presentes nas camadas populares marginalizadas dentro do processo de escolarização, estimulou uma luta pelo que se entende por “justiça curricular”, pautada dentre outros princípios, pela criação de um compromisso social daquela unidade escolar para com uma produção “histórica da igualdade” (CONNELL *apud* MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 157). Nesse aspecto atribuiu-se a pesquisa-ação crítica como um dos norteadores metodológicos, tendo em vista todo o contexto descrito que sugere a necessidade de transformação a partir de reflexões críticas geradoras da emancipação dos atores e das condições consideradas opressivas (FRANCO, 2005, p.485).

Adotada essa postura de transformação, partiu-se para uma investigação de campo, onde os aspectos culturais formadores das subjetividades dos alunos foram identificados em visitas ao bairro, entrevistas com os discentes, mapeamento dos elementos da cultura corporal infantil, levantamento da procedência dos pais, observação do contexto comunitário, levantamento dos aspectos religiosos, identificação do contexto sócio-econômico, contexto étno-racial, etc., toda essa análise se fez possível e está contida nos princípios da etnografia que, na qualidade de investigação qualitativa, apresenta como parte de sua etimologia a “descrição cultural” (ANDRÉ, 1995, p. 27-29).

As caracterizações da pesquisa supra-escritas e os respectivos métodos utilizados – pesquisa-ação crítica e etnografia – criaram um ambiente de investigação favorável à apropriação da Bricolagem como metodologia de pesquisa, em função da mesma conceber ao pesquisador a alternativa de utilização dos “métodos que melhor possibilitem responder a nossas perguntas sobre um determinado fenômeno” e também por propiciar uma “maior variedade de perspectivas empregadas pelo pesquisador” (KINCHELOE, 2007, p. 18-69).

Resultados iniciais

Após os trabalhos iniciados sob a perspectiva do currículo multicultural, as aulas de Educação Física Escolar da unidade escolar pesquisada passaram a ter características que iam muito além do conceito puro e simples de motricidade. Aconteciam da seguinte forma: os

elementos da cultura dos alunos eram identificados por meio de mapeamento, ressignificados e vivenciados de maneira teórico-prática, em fóruns de discussão questões subjacentes referentes a gênero, raça, etnia, classe social, hábitos de higiene, hábitos alimentares, moradia e etc. todas eram levantadas. Para todas as discussões procurava-se buscar uma “ancoragem social dos conteúdos”⁴ onde o caráter crítico era tratado observando quem levava ou não vantagem com determinadas formas de emprego dos conhecimentos (MOREIRA; CANDAU, 2003, p.161).

Os alunos aos poucos passaram a se desvincular de determinadas atitudes viciadas dentro das aulas de Educação Física, como a de não quererem nenhuma atividade que não fosse o “futebol ou queimada”. Entendendo-se como excluídos o próprio grupo de alunos à medida que não obtinham espaço para emitirem e verem respeitadas suas opiniões, considera-se que houve um progresso significativo, pois tal espaço foi criado inicialmente pelo mapeamento e em seguida pelas ressignificações, aprofundamentos e ampliações onde valia o que a turma decidia. Porém, atentando-se para o aspecto de que ao ganhar voz o grupo passou a hegemonizar algumas reivindicações sob formas de brincadeiras mais populares, destaca-se como ponto negativo o fato de, pelo menos na mesma proporção acontecida com os demais, não se ter dado conta da demanda de legitimação criada pelos menos populares⁵ dentro do grupo, ou seja, aqueles que têm esculpidas em suas identidades as marcas mais fortes da exclusão. Tendo ciência do cuidado suscitado por situação de tal natureza, até o presente momento discutem-se formas de, na implantação de ações pedagógicas geradoras de espaços inclusivos (pelo menos no cerne de suas intenções), não fomentar o que Neira (2007) classifica como “contragolpe social”⁶. Na verdade essa questão criou um impasse didático preocupante, nos dirigindo às fontes-referência tais como as discussões ultimamente acontecidas nos últimos encontros do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP/CNPq, onde problemas de semelhante natureza têm sido vivenciados por alguns professores-pesquisadores desta área; não obstante considerar-se que a iniciativa de

⁴ Segundo Moreira & Candau (2003, p. 161), baseados no depoimento de uma pesquisadora que sugere o conceito é a forma de “ver como o conhecimento surgiu, em que contexto social ele surgiu, quem foi que propôs historicamente esse conceito, quais eram as ideologias dominantes. E aí você vai fazendo isso com todos os conteúdos possíveis dentro do currículo e [...] isso é uma maneira de você nem cair naquele vazio de ficar só tentando entender diversas linguagens, diversas culturas, e também não cair na idéia de que o conteúdo é algo fixo. É uma outra vertente”.

⁵ Diz-se sobre os tímidos, de beleza a-padrional, com hábitos de higiene não convencionais, mais pobres, menos habilidosos e etc.

⁶ Em nosso entendimento seriam os mecanismos que reforçam a exclusão advindo de iniciativas criadas pelos professores em suas práticas pedagógicas inclusivas.

implantação de um currículo multicultural dentro do contexto da presente pesquisa ter sido encarado como um importante ato de subversão ao *modus operandi* até então vigente na instituição de ensino.

Concluindo, não se pode negar que todo esse movimento de insurgência, por meio da implantação de um currículo multicultural nas aulas de Educação Física mexeu com a rotina não só da escola em si, mas também e principalmente com os alunos. Acredita-se que, por conta disso, o contato entre os professores regentes e o professor de Educação Física passou a ser mais intenso e respeitoso. A relação estabelecida entre os alunos e os conhecimentos propostos a partir dos saberes trazidos dos seus contextos familiares e comunitários, passou a ser um referencial de empoderamento, na medida em que reconheciam sua autoria nas ressignificações vivenciadas por todos os alunos da escola no momento de exposição dos trabalhos, fotografias da realização das brincadeiras, oficinas onde toda a escola realizava as atividades elaboradas e na assistência dos vídeos gravados durante as aulas, onde todo o processo fora desenvolvido dentro dessa perspectiva.

Esse movimento tem causado momentos de reflexão por parte do corpo docente e equipe técnica. Não somente nos horários técnico-pedagógicos, mas também nos momentos de intervalo entre as aulas, na sala dos professores e em outros espaços. Mesmo embebido de uma incerteza salutar que caracteriza o processo de ensino-aprendizagem, tem-se a percepção de que um passo inicial para uma escola mais reflexiva, quiçá atenta à diversidade que a modela, foi dado.

Referências Bibliográficas

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

KINCHELOE, Joe L. capítulos 1 e 2. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Educação escolar e cultura: construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, v. 23, p. 156-166, Mai/Jun/Jul/Ago de 2003.

MÜLLER, M. S.; CORNELSEN, J. M. **Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias**. 5. ed. Londrina: Eduei, 2003.

NEIRA, M. G. **O Ensino de Educação Física**. São Paulo: Thomson Learnig, 2007.

_____. **Valorização das identidades:** a cultura corporal popular como conteúdo da Educação Física. Revista Motriz, Rio Claro, n. 3, v. 13, p. 174-180, jul./set. de 2007.

SILVA, T. Tadeu (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Recursos sugeridos: Datashow, TV e DVD.